

## A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO NOS JOGOS OLÍMPICOS DA ERA MODERNA

**Renato Souza Pinto Soeiro**  
**Alvaro Andreson de Amorim**

Escola de Educação Física do Exército – EsEFEx

### Resumo

Este trabalho procura relatar a participação da Escola de Educação Física do Exército nos Jogos Olímpicos, em particular nas modalidades tiro, pentatlo moderno, atletismo, voleibol e judô, objetivando demonstrar a importância de seus cursos, instalações e profissionais em termos de representação esportiva nacional.

**Palavras-chave:** Jogos Olímpicos, Escola de Educação Física do Exército

### Abstract

This contribution emphasizes the participation of the Escola de Educação Física do Exército in the Olympic Games, particularly in the modalities of shooting, modern pentathlon, track and field, volleyball and judo, in order to demonstrate the importance of its courses, facilities and professionals for national sport representation.

**Keywords:** Olympic Games, Escola de Educação Física do Exército

### As Origens

O Barão Pierre de Coubertin pode ser considerado um dos mais famosos desconhecidos deste século. Sua obra mais reconhecida, os Jogos Olímpicos da era Moderna, transformou-se em um dos maiores e mais duradouros fenômenos internacionais deste início de milênio. Hoje, passados mais de cem anos de sua criação, o Movimento Olímpico Internacional agrega um número de nações maior do que as Nações Unidas, e os Jogos Olímpicos de verão e inverno atingiram, indubitavelmente, a condição de eventos em escala planetária. (Tavares e da Costa, 1999).

Coubertin, aparentemente, tinha a preocupação com a inclusão dos continentes Sul-Americano e Africano nos Jogos. No entanto, até as Olimpíadas de 1920, a participação da América Latina era limitada a cinco países, com exceção de alguns atletas individuais que moravam na Europa.

A primeira vinculação de um brasileiro ao Movimento Olímpico Internacional está ligada à

pessoa de Santos Dumont, que recebeu o Diploma de Mérito Olímpico, em 1905. Esse Diploma foi proposto por Coubertin na 4ª sessão do Comitê, realizada em Paris em 1901, com o objetivo de premiar as pessoas que auxiliavam na propagação da idéia Olímpica e na causa do esporte (Neto, 1999).

O Brasil chegou ao mundo dos esportes olímpicos quase um quarto de século depois das Olimpíadas de Atenas, Paris, St. Louis, Londres e Estocolmo. Por aquela época, isto é, antes da Primeira Guerra Mundial, o esporte não era bem visto por uma parte dos intelectuais brasileiros, que contra ele abriam campanhas violentas (Marinho, 1943).

Era de se esperar, portanto, que o Brasil não ousasse mandar uma delegação esportiva a tão distantes Jogos Olímpicos, numa época que formadores de opinião consideravam o esporte uma atividade sem importância.

Mas quando chegou a “carta aberta” daqueles intelectuais às livrarias, um grupo de brasileiros já havia partido por via marítima, cruzando o Atlân-

tico para o batismo olímpico nacional, em 1920, na Antuérpia. A delegação brasileira foi definida com a participação de 25 atletas e a chefia do Dr. Roberto Trompowsky Jr. As modalidades e o número de atletas foram: Saltos Ornamentais (1); Tiro ao Alvo (7); Remo (5); Polo Aquático (7) e Natação (5) (Revista a História das Olimpíadas 2ª Parte, 1972).

Porém não se pode falar na participação do Brasil nos Jogos Olímpicos, sem mencionar a participação dos militares, tanto na formação das representações, como no desenvolvimento do treinamento das modalidades representadas. Assim sendo, o presente estudo tem por objetivo relatar e avaliar a importância do Exército Brasileiro e da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), na constituição e preparação das diversas delegações olímpicas.

### As Contribuições

Já no século passado o Exército Brasileiro interessou-se pelo problema da Educação Física e sua difusão no meio civil e militar. E tal propósito manteve-se em cogitações teóricas e práticas por muito tempo.

A influência dos militares parece ter ficado ainda mais clara com a organização da formação profissional na Educação Física brasileira. No século XIX, os instrutores que ministravam as sessões de Educação Física ainda não contavam com um processo de formação sistematizado, sendo possivelmente preparados a partir de sua experiência prática e/ou de suas sessões nas Escolas Militares (Melo, 1999).

A partir de 1919, sobretudo, os acontecimentos tomaram outra feição, pois, naquela data, um grupo de idealistas na Escola Militar, além de fundar uma associação atlética, propôs-se a fiscalizar a sistematização da Educação Física no meio militar e civil no Brasil, de cujos esforços tenazes haveria de brotar a Escola de Educação Física do Exército (Molina, 1935).

Além deste esforço educacional, a EsEFEx passou a contribuir desde 1920 com as diversas Confederações Desportivas que compõem o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), tanto com a presença de atletas militares nas delegações olímpi-

cas, quanto na preparação física, tática, técnica e administrativa. Em adição a este envolvimento direto, começou também a ceder instalações para alojamento e treinamento de equipes nacionais desportivas, desde que eram notórias as carências de meios para o esporte em geral. A EsEFEx teve uma influência mais significativa nas modalidades de Tiro, Pentatlo Moderno, Atletismo, Judô e Voleibol, tanto devido à afinidade dessas modalidades pela cultura esportiva militar como pela necessidade de acompanhamento científico do preparo dos atletas.

### Tiro

No dia 03 de Agosto de 1920, primeiro dia de competições dos VII Jogos Olímpicos, em Antuérpia, o atirador Tenente Guilherme Paraense, obteve 274 pontos dos 300 possíveis na prova do revólver a 30 metros sobre silhueta em pé, ganhando a primeira medalha de ouro olímpica do Brasil. Pode-se considerar esse feito como heróico, pois até então o Brasil havia apenas participado de torneios sul-americanos de atletismo e futebol, além de algumas raras excursões de clubes à Europa. A equipe brasileira de Tiro ao Alvo era composta por: Dr. Afrânio Antônio da Costa (chefe da equipe e competidor da categoria Pistola); Tenente Guilherme Paraense (categoria Revólver); Sebastião Wolf (Fuzil); Dr. Fernando Soledade (Pistola); Tenente Mário Machado Maurity (Pistola); Tenente Demerval Peixoto (Pistola) e Mário Barbosa (Revólver).

Neste particular, fez-se necessário transcrever um primeiro trecho do relatório do Dr. Roberto Trompowsky Jr., chefe da delegação brasileira nessa Olimpíada, o qual demonstrava bem o empenho dos atiradores brasileiros:

*"...os membros da equipe de Tiro haviam, mesmo, declarado dias antes que estavam dispostos a ir a Antuérpia, ainda que houvessem de viajar nas carvoeiras do navio".*

*"Todas as manhãs passavam os americanos num caminhão-automóvel, contendo provisões, munições em grande quantidade, armas aperfeiçoadas, criados... e cada um de nossos patrícios tomava o revólver, punha ao ombro seu alvo, preparava parcimoniosamente a sua munição e lá se*

*ia pelo areal, para o exercício, para o sacrifício, para o dever... Que lição para o futuro! Quanto remorso para o passado... Durante esse tempo, nenhuma queixa ouvi daquele punhado de patriotas! Nem o contraste oferecido pelos americanos, abundantemente providos de tudo, levou-nos a um queixume sequer!"*

### **Relatório oficial do Chefe da Equipe de Tiro, Dr. Afrânio Antônio Costa**

*"Na véspera, ao partirmos de Bruxelas, fôramos roubados em alvos e quase toda a munição .38, de forma que eu e o Paraense ficamos reduzidos a 100 balas cada um, para treinar uma semana e atirar nas provas oficiais 75 tiros!... Foi neste estado de corpo e de espírito que nossos atiradores, sem dormir e mal alimentados, mais debilitados ainda pelo frio, chegaram a Beverloo, a 26 de julho, ao meio dia... À noite procurei aproximar-me dos americanos, cujo conforto era notável e não necessitavam esmolas do seu governo para o seu sustento. Era o único recurso para remediar os desfalques que houveramos sofridos em alvos e munições. Lane e Bracken, dois famosos campeões, jogavam uma partida de xadrez; fui "peruar" o jogo e lá pelas tantas arrisquei uma opinião na partida... acharam boa; daí por diante entraram em franca camaradagem. Ao final da noite já me haviam dado 1.000 cartuchos .38, 1.000 cartuchos .22 e 50 alvos, fabricados especialmente para o concurso..."*

Após essa Olimpíada, o Brasil e os militares não tiveram outro grande destaque nessa modalidade, talvez pelo fato de as provas olímpicas diferirem das militares, ou pela associação de que armas e violência estão intimamente ligadas, o que possivelmente colaborou com o afastamento dos civis e com a redução dos apoios financeiros. De qualquer modo, os relatos citados confirmam o sentido da disciplina militar diante das dificuldades da primeira representação olímpica nacional.

### **Pentatlo Moderno**

Quando o comitê Olímpico sueco deliberava, em 1912, sobre o programa de provas para a V

Olimpíada, pensou-se num teste que pudesse apontar o melhor "sportman" dentre todos atletas do mundo.

Naquele tempo existiam já duas competições de cinco e dez provas, denominadas, respectivamente, pentatlo e decatlo, mas constituídas somente de provas atléticas que, apesar de serem bem disputadas, não eram suficientemente completas para justificarem o título que o Comitê Olímpico Sueco tinha em mente.

Pensou-se, então, em alguma coisa que pudesse servir de teste de resistência, resolução, intrepidez, presença de espírito, agilidade e força.

Disso resultou a prova hoje conhecida como Pentatlo Moderno e que representa, atualmente, uma das mais árduas provas a que se pode submeter um atleta olímpico.

As provas do Pentatlo são as seguintes:

- 1) Salto a cavalo
- 2) Esgrima de Espada
- 3) Tiro de Pistola
- 4) Natação
- 5) Corrida

Não é difícil imaginar o quanto requer de aptidão, destreza, e de coragem uma competição com essas provas.

O Pentatlo Moderno, de início, sofreu uma série de críticas: diziam ser uma prova que interessava somente a soldados e, em consequência, a sua prática dependeria do apoio das instituições militares. E mais: as artes da guerra eram glorificadas, enquanto que a finalidade dos Jogos Olímpicos era o conagraçamento dos povos e, desde que os soldados profissionais tomassem parte no Pentatlo, estariam infringindo o estatuto de amadores, que era rigorosamente imposto a todos os outros concorrentes às Olimpíadas. Seja como for, o pentatleta ensaiou seus primeiros passos em Stockolm e o Pentatlo Moderno, desde aquela época, constitui um item indispensável nos programas olímpicos.

Ele é ótimo treinamento para o combatente e, por isso mesmo, inegavelmente, os militares têm sido seus vencedores em grande parte dos Jogos Olímpicos (Revista de Educação Física, n. 60, 1948).

A maior parte das delegações brasileiras de pentatlo moderno foram compostas por militares, inclusive nas eliminatórias nacionais Pré-Olímpicas para os Jogos de Londres em 1948, disputadas por atletas exclusivamente militares e organizadas pelo Departamento de Desporto do Exército (Revista de Educação Física, n. 59, 1948).

Como personalidades militares desse esporte, pode-se destacar o Capitão Ruy Pinto Duarte, instrutor de Pentatlo Moderno da EsEFEx, que concorreu nas Olimpíadas de Berlim, o Capitão Eric Tinoco Marques, que mais tarde veio a comandar a EsEFEx, participou dos Jogos de Londres e o Ten Nilton Gomes Rolim, que realizou o curso de instrutores no ano de 1998, obteve o índice Olímpico, mas não foi classificado para Atlanta (Brasil Olímpica, n. 5, 1996 ).

## Atletismo

A história do atletismo é tão antiga quanto a origem da humanidade. Desde a mais longínqua época, por necessidade ou prazer, o homem corria, saltava ou lançava. Estas ações são também bastante corriqueiras no dia a dia do militar, talvez isto explique o grande número de atletas de alto nível que foram e são revelados pelas Forças Armadas.

Um especial destaque foi dado pela Revista de Educação Física do Exército, n. 113, 1983 ao Sgt João Carlos de Oliveira o "João do Pulo". Nascido em Pindamonhangaba, São Paulo, no dia 28 de maio de 1954, com dezoito anos sentou praça do Exército, no dia 15 de janeiro de 1973, indo servir no quartel do 2º Batalhão de Guardas, na cidade de São Paulo. Naquele mesmo ano participou das Olimpíadas do Exército (em Recife), tendo vencido as provas de salto triplo e distância.

No dia 25 de agosto do ano seguinte, foi promovido a Cabo, após ter participado com destaque das Olimpíadas do Exército (realizadas em Brasília), além de outras competições importantes do cenário nacional.

Em 1976, João participou pela primeira vez dos Jogos Olímpicos e, com a marca de 16,90m, conquistou o terceiro lugar e sua primeira medalha olímpica.

Em 1977, participou do Campeonato Sul-americano de Atletismo, em Montevideu, onde obteve as marcas de 7,95m no salto em distância, e 16,40m no salto triplo. Nesse mesmo ano participou da Copa do mundo de Atletismo, realizada em Dusseldorf (Alemanha), onde conseguiu a marca de 16,68m no salto triplo. Nesse mesmo ano ainda, foi promovido a 3º Sargento, no dia 15 de dezembro.

No auge de sua carreira, em 1980, ganhou uma duvidosa medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Moscou, pois houve suspeita de fraude por parte da arbitragem e, em 1992, veio a confirmação, Harry Seinberg, treinador da Estônia, admitiu que houve fraude em Moscou e pediu desculpas ao atleta brasileiro.

Em 1981, concluiu com bom aproveitamento o Curso de Monitor na Escola de Educação Física do Exército. Participou da Copa do Mundo de Atletismo, em Roma, conquistando mais uma vez o 1º lugar no salto triplo, onde conseguiu a marca de 17,37m.

Para sintetizar o que representou o homem João Carlos de Oliveira, republicamos um trecho do jornal *O Globo*, do dia 10/set/82 (pág.20):

*"Foi-se o atleta, ficou o homem . Pelo que ele demonstrou de coragem e capacidade de sacrifício, enquanto durou a terrível luta contra a mutilação, João do Pulo ainda tem muito a dar ao esporte brasileiro. Uma contribuição que, pelo exemplo, poderá ser até mais valiosa do que aquela representada pelas belas proezas de seus saltos recordistas."*

Outros também tiveram seu destaque como o Cb Flávio de Oliveira Godoy, que participou dos Jogos Olímpicos de Atlanta, na prova dos 800 m rasos, obtendo a quinta colocação; o Sd Arnaldo de Oliveira, um dos integrantes do revezamento 4x100 m rasos, que conquistou a medalha de bronze em 1996 e o Cb Éder Fialho, que competiu na prova da Maratona, em Sidney.

Ademar Ferreira da Silva, que em Helsinque, em 1952, conquistou sua primeira medalha de ouro, realizando a proeza de superar, por quatro vezes na mesma prova, seu próprio recorde mundial no salto triplo; e em 1956, alcançou o recorde olímpico no salto triplo, com 16m35,

levando a segunda medalha de ouro, cursou a Escola de Educação Física do Exército no ano de 1957.

## Voleibol

A EsEFEx, por muitos anos, vem acolhendo as seleções masculinas e femininas de voleibol.

A escolha é antes de tudo técnica: as condições propiciadas pelas excelentes instalações da Escola e sua localização a tornam o local ideal para preparação das equipes. Em 1996, a seleção passou a treinar no Ginásio Leite de Castro, que permite o uso simultâneo de 2 quadras. Foram colocados alguns aparelhos novos na sala de musculação e utilizados outros setores, tais como fisioterapia, piscina, espaço de ginástica olímpica e pista de atletismo, que melhoraram ainda mais a qualidade do trabalho (Ribeiro; Resende; Tabach; Neto, 1998 ).

As ligações entre a Escola de Educação Física do Exército e o voleibol são bastante estreitas e remontam a mais de trinta anos, seja através de seus instrutores e monitores que por diversas vezes fizeram parte da comissão técnica das equipes brasileiras, seja pela cessão de suas instalações para a preparação e treinamento dessas equipes. Pode-se citar como exemplo o Capitão de Mar e Guerra Célio Cordeiro, ex - instrutor de voleibol da EsEFEx e técnico da Seleção Olímpica de 1968, o Coronel Souto, ex - instrutor de voleibol da EsEFEx , técnico da Seleção Olímpica de 1972 e 1976 e atual presidente da Federação de Voleibol do Rio de Janeiro, o Coronel Pina, supervisor da Confederação Brasileira de Voleibol, o Sgt Matias e Marivaldo, ex - monitores da EsEFEx e fisioterapeutas das seleções, e o Sgt Santos, monitor da EsEFEx e fisioterapeuta da seleção feminina.

Segundo Resende, B., 1998 (Técnico da Seleção Feminina de Voleibol)

*"Nossa seleção feminina utiliza as instalações da Escola há mais de dois anos e, por unanimidade, externa a sua total aprovação e satisfação em ter a EsEFEx como o seu "lar". Esta satisfação decorre basicamente de dois motivos: a comodidade e o conforto proporcionados pela integração, proximidade, e fácil acesso a todas as instalações; o carinho , atenção e apoio oferecido por todos*

*integrantes da Escola, carinho que é recíproco, às nossas atletas, o que faz sentirem-se como "integrantes da família do calção preto." (p. 43)*

## Judô

A luta é um dos mais antigos desportos no mundo, mas no limiar dos tempos se constituía simplesmente em atividade natural ou guerreira do homem. Lutava com a finalidade lúdica, tão largamente encontrada entre os animais, ora em defesa da propriedade contra as feras as quais disputavam seu primitivo habitat, ou preservando seus rebanhos e colheitas contra cobiça de outras tribos. Em todas as regiões do globo cada povo possuía um método mais ou menos elaborado de combater, que ia melhorando consoante o progresso da civilização (Iguma, 1991).

Após sérios estudos e investigações, formulou-se o princípio do método de Jigoro Kano, que denominou-se "princípio da eficácia máxima", assim por ele mesmo expresso: Qualquer que seja o objetivo, será melhor atingido pelo mais alto ou mais eficiente uso da energia física e espiritual, dirigida para a realização de um certo e definido fim ou propósito. Ao novo método o professor Kano deu o nome de judô.

Após o segundo conflito mundial desenvolveu-se o judô por todo o mundo, já havendo, em 1954, 18 Confederações Nacionais, inclusive no Brasil que nessa data, sob auspícios da Confederação Brasileira de Pugilismo, realiza o primeiro campeonato brasileiro. Foi criada em 18 de março de 1969 a confederação Brasileira de Judô, órgão máximo diretivo, ao qual compete dirigir, orientar e fiscalizar a prática do judô em todo território nacional, bem como desenvolver o sentimento de brasilidade, e a educação moral e cívica entre os que militam no desporto (Manual de Judô, EsEFEx).

Atualmente o judô é amplamente praticado e um dos desportos que mais têm projetado o Brasil no cenário internacional, pois já possuímos dois campeões olímpicos, o atleta Aurélio Miguel ( Seul) e Rogério Sampaio (Barcelona ), e nossos jodocas vêm marcando presença no pódio de quase todas as competições.

Grande parte da preparação das equipes masculina e feminina do Brasil para os últimos três

Jogos Olímpicos foram realizadas na EsEFEx, utilizando-se da piscina, sala de musculação, fisioterapia e do dojô montado no lendário Ginásio Leite de Castro. A Escola recebeu em suas instalações equipes internacionais, como a da delegação Holandesa e a Italiana. Além de ceder instalações, a EsEFEx revelou e treinou grandes judocas e medalhistas militares.

Em 1992, Barcelona, fizeram parte da equipe olímpica o Soldado Borges e o Soldado Rolim (como reservas). Ambos serviam na EsEFEx.

Em 1996, Atlanta, participaram o Soldado Fúlvio, Soldado Sebastián e o Soldado Guimarães, tendo este último conquistado a medalha de bronze.

Em 2000, Sidney, fizeram parte da equipe olímpica o Soldado Aragão, o Soldado Daniel e o Soldado Sebastián.

### **As Tradições Inventadas**

Esta revisão sucinta pode ter como complemento uma interpretação do passado. Vejamos como em 1946 se projetava a auto percepção dos membros da EsEFEx: “ É um passado de lutas e de glórias. Uma tradição de que o Exército muito se orgulha, e um presente que honra o Brasil porquanto dos umbrais desta Escola é que partiram para todos os recantos da América os pioneiros civis e militares da formação integral de uma raça forte” (Bol Escolar Nr 241 de 19 de outubro de 1946).

Mais objetivamente pode-se dar registro de que pelas salas de aulas e campos desportivos da EsEFEx já passaram mais de cinco mil alunos e diversos atletas. Dentre eles, personalidades do esporte já citadas anteriormente e diversas outras como a lendária Maria Emma H. Lenk Zigler, primeira mulher brasileira a participar dos Jogos Olímpicos.

Isso ocorreu em Los Angeles, onde a nadadora competiu nos 100m livres, 100m de costas e 200m de peito.

Cabe citar ainda o Professor Doutor Manuel Gomes Tubino, atual presidente da Federação Internacional de Educação Física e o Professor Doutor Lamartine P. da Costa, presidente em exercício da Academia Olímpica Brasileira. Relacionam-se também o Professor Doutor Estélio Dantas e o Coronel Cramer, que comandou a EsEFEx nos anos de 1987 a 1990, atual presidente da Confederação Brasileira de Esgrima.

Berço da formação profissional da educação física no Brasil, a EsEFEx, face a modernização dos métodos de treinamento, das investigações científicas e da necessidade de uma melhor preparação geral do atleta, evoluiu na sua estrutura organizacional, trabalhando lado a lado com o Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército e com a Comissão de Desporto do Exército, constituindo o Centro de Capacitação Física do Exército.

De Antuérpia a Sidney, em 2000, o Brasil participou de dezessete Jogos Olímpicos. Só esteve ausente em Amsterdã, nos jogos de 1928, em função da crise política e financeira que o país enfrentava na época. Em todos esses jogos o Exército, e conseqüentemente a EsEFEx, se fez presente, criando uma tradição à qual se deve atribuir valor histórico. Afinal, os Jogos Olímpicos, desde a sua restauração por Coubertin, têm como base tradições inventadas, tal como tem feito a EsEFEx desde suas origens.

#### **Endereço para correspondência:**

**Renato Souza Pino Soeiro**

Rua Santa Luzia, nº 259 – Aptº 403

CEP: 20511-030 – Tijuca

soeiro@solartijuca.com.br

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IGUMA, E. H. ., *Revista de Educação Física*, "Aspectos do treinamento Total no Judô", Rio de Janeiro, n. 119, 1991.

\_\_\_ *Manual de Judô da EsEFEx*, Rio de Janeiro

MARINHO, I. P. *Contribuição para a História da educação Física no Brasil*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 3ª Edição, 1943.

MELO, V. A. de. "O Papel dos Militares no Desenvolvimento da Formação Profissional na Educação Física". 1999. 19 p. Artigo – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MOLINA, A. M., *Revista de Educação Física*, "A Escola de Educação Física do Exército", Rio de Janeiro, ano 3, n. 25, Ago 1935.

NETO, A. F. *A Pedagogia no Exército e na Escola: a educação física brasileira (1880 – 1950)*. Aracruz, Editora FACHA, 1ª Edição, 1999.

NETO M. F., *Estudos Olímpicos*, "O Brasil e o Movimento Olímpico Internacional", Rio de Janeiro, editora Gama Filho, 1999.

\_\_\_ *Revista de Educação Física*. "Dez anos de campanha". Rio de Janeiro, ano 2, n. 4 (sem paginação), Jan 1933.

\_\_\_ *Revista de Educação Física*. "Departamento de Desportos do Exército". Rio de Janeiro, n. 59, 1948.

\_\_\_ *Revista de Educação Física*. "Pentatlo Moderno". Rio de Janeiro, n. 60, 1948.

RIBEIRO, J. L. S.; RESENDE, B.; TABACH, R.; NETO, J. I. S., *Revista da Educação Física*, "Voleibol Feminino no Brasil – A Seleção Feminina de Voleibol rumo a Atlanta", Rio de Janeiro, n. 123, 1998.

\_\_\_ *Revista de Educação Física*. "João Carlos de Oliveira(capa)". Rio de Janeiro, n. 113, 1983.

\_\_\_ *Revista Brasil Olímpica*. "Os Melhores do Esporte 1996". edição M. M. Press, ano 1, n. 5, dezembro 1996.

TAVARES O. ; DA COSTA L. P., *Estudos Olímpicos*, Rio de Janeiro, editora Gama Filho, 1999.